

A VISÃO LINGÜÍSTICA DE MONTEIRO LOBATO NA OBRA: *EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA*

Luiz Carlos Cichini (PG – FAFIJA)
luizcichini@yahoo.com.br

Maria da Graça de Souza (Orientadora – FAFIJA)

Objetiva esta comunicação a análise da presença de teorias lingüísticas no livro *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato, cuja primeira edição data de 1934. A obra proporciona ao público infantil o acesso a uma aula completa de língua portuguesa, do ponto de vista gramatical, de uma maneira prazerosa e criativa.

Antes da análise da obra propriamente dita, deve-se fazer uma breve retrospectiva dos estudos lingüísticos feitos desde o surgimento dessa ciência, que passou a ser considerada como tal a partir do século XIX.

Sabemos hoje que o objeto de estudos da Lingüística é a linguagem humana. Seus estudos remontam da antiguidade grega, na qual o homem fazia especulações filosóficas acerca de sua linguagem, mescladas com estudos de Filologia.

Em seu livro *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*, Carvalho afirma que a Lingüística passou por três fases sucessivas até chegar a definir-se e delimitar-se a si própria. Na primeira fase, chamada Filosófica, vemos que os gregos foram os primeiros a refletir sobre a linguagem humana; surge a primeira gramática, a qual, posteriormente, passou a indicar um conjunto de regras e exceções. A segunda fase, Filológica, além de interpretar e comentar textos, procurou estudar os costumes, as instituições e a história literária de um povo, mas atinha-se exclusivamente à escrita. Já a terceira fase, Histórico-Comparatista, surgiu com a descoberta do Sânscrito, antiga língua da Índia. Preocupava-se em estudar a evolução das línguas (CARVALHO, 1997, p. 19-22).

Essa ciência nova, cujo objeto é antiqüíssimo, teve seu ápice com os estudos de Ferdinand de Saussure (1857/1913). O mestre genebrino, como era conhecido, procurou organizar os estudos lingüísticos de sua época e definir seu objeto de estudos, tendo em vista o emaranhado de conceitos e termos empregados pelos estudiosos para se referir a um mesmo assunto. Por seu caráter metodológico e, também, perfeccionista, Saussure define a teoria do signo lingüístico, a qual atribui os conceitos de *significado* e *significante*, uma vez que “considera a língua como um sistema de signos formados pela união dos sentidos e da imagem acústica” (CARVALHO, 1997, p. 31).

Quando se fala em Saussure, também lembramos da preocupação em se realizar os estudos sincrônicos (pesquisa descritivista) e diacrônicos (pesquisa histórica) da língua, dos quais o primeiro é priorizado pelo autor, já que o falante não tem conhecimento da sucessão dos fatos da língua no tempo (1997, p. 72). Hoje se sabe que os pontos de vista sincrônico e diacrônico não são excludentes, mas complementares, uma vez que a língua não é uma forma estática.

Sobre esse assunto temos como referência Carlos Aberto Faraco. Em *Lingüística Histórica* (1998), o autor discute a problemática das mudanças ocorridas nas línguas humanas, chegando à conclusão de que as mesmas constituem uma forma heterogênea e são passíveis de transformações.

As mudanças são percebidas primeiramente na fala, veículo abrangente e ágil da comunicação. Mas ocorrem de forma lenta, principalmente na escrita, regida pelo rigor formal imposto pelas gramáticas normativas.

“A percepção da mudança”, título do segundo capítulo da obra de Faraco, mostra que, se compararmos a língua portuguesa escrita atualmente com a dos séculos XIII e XIV, perceberemos as diferenças existentes devido ao passar do tempo (diacrônicas). Da mesma forma, a mudança é percebida no vocabulário de pessoas mais velhas em comparação com o de pessoas mais jovens e, também, entre a fala de

peças de classes sociais diferentes. Até mesmo quando escrevemos encontramos dificuldades para adequarmo-nos a certas estruturas do padrão de língua cultivado socialmente na escrita.

Faraco adverte que nem toda diferença de fala implica em mudança, já que atualmente se discute sobre as variações lingüísticas entre regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias etc. A mudança se cristaliza quando encontra espaço para manifestar-se na escrita. O autor sugere uma escala progressista para a implementação de mudanças:

“elas costumam se desencadear na fala informal de grupos socioeconômicos intermediários; avançam pela fala informal de grupos mais altos na estrutura socioeconômica; chegam a situações formais de fala e só então começam a ocorrer na escrita [...]”. (FARACO, 1998, p. 15)

Faraco ainda afirma que qualquer parte da língua pode mudar, e que essas mudanças podem ser “fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas” (FARACO, 1998, p. 20).

Diante de todos esses conceitos acerca do objeto de estudos da Lingüística, podemos dar início a análise da obra de Monteiro Lobato e demonstrar que o autor condizia com tais conceitos e que ainda teve uma visão além de seu tempo a respeito da Sociolingüística.

José Bento Monteiro Lobato foi, sem dúvida, o maior escritor infante-juvenil brasileiro. Suas obras são repletas de sonhos, de idéias progressistas e libertárias, de críticas sociais ao país que tanto defendeu, apresentadas sob a ótica das personagens inesquecíveis do “Sítio do pica-pau amarelo”.

Um homem de visão ampla, voltado para o futuro, lutou com todas as forças pelo progresso do país e pela causa dos oprimidos e rejeitados pela sociedade. Desiludido por lutar em vão, dedicou-se à literatura para crianças, começando pela tradução dos clássicos contos de fadas universais e se integrou tanto a este trabalho que deu sua vida,

sentimentos e convicções aos seus personagens, principalmente à boneca Emília, considerada seu *alter-ego*.

Ao criar o País da Gramática, Lobato transformou todos os conceitos até então vigentes na gramática normativa em cidades e pessoas, de modo a facilitar o entendimento da tão complicada língua portuguesa.

O livro é dividido em vinte e sete capítulos, de modo que o trabalho categórico da gramática não assustasse ao leitor. Estudaremos apenas os três capítulos iniciais da obra.

No primeiro capítulo, intitulado “Uma idéia da senhora Emília”, Dona Benta relembra a Pedrinho, todos os dias, os conceitos gramaticais aprendidos na escola. Este, por sua vez, reluta, afinal, estava em férias e afirmava que o assunto era maçante, uma vez que seu professor exigia que os alunos decorassem nomenclaturas que só dificultavam o aprendizado. Enfim, acabou cedendo e percebeu que, por meio da avó, a tal gramática virava até brincadeira.

Eis que entra em cena a protagonista das histórias Lobatianas, Emília, que andava há algum tempo espiando as aulas de Pedrinho e maquinando uma idéia, a qual propõe ao menino: a visita ao “País da Gramática”. Pedrinho, incrédulo, afirma que gramática é um livro e não um país. Mas a boneca fá-lo compreender que, de acordo com os conhecimentos do rinoceronte, que era um grande gramático, esse país realmente existia.

Como tudo no Sítio do pica-pau amarelo é possível, embarcaram Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde e o Rinoceronte para o País da Gramática. Transposto o limite entre o real e o maravilhoso, percebem que se aproximam do país porque o ar chiava de modo estranho: eram os sons orais. A partir desse ponto da história começam as discussões lingüísticas propostas por Emília, a qual condena, assim como seu criador, o uso de nomenclaturas complexas e inúteis para as coisas inerentes à nossa linguagem, a qual todos, alfabetizados ou não,

utilizamos de acordo com os conhecimentos internalizados e nosso registro social.

Percebe-se também um posicionamento favorável de Lobato em relação à arbitrariedade do signo lingüístico, no episódio em que Emília batiza o Rinoceronte de “Quindim” e, ao ser questionada por Pedrinho sobre qual a relação do nome com o paquiderme, responde que “nome é nome, não precisa ter relação com o *nomado*” (LOBATO, 2005, p. 9). Como afirma Saussure, “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural de realidade” (CARVALHO, 1997, p. 36).

Continuando a viagem, os habitantes do sítio observam a existência de várias cidades, como Portugália, onde moram as palavras da língua portuguesa; Anglópolis, cidade das palavras inglesas – e a maior de todas -; Galópolis, das palavras francesas; Castelópolis, das palavras espanholas, e Italópolis, das palavras italianas. A nomenclatura dada à influência das palavras estrangeiras em nossa língua, chamadas de “palavras evocativas” por Bally (MARTINS, 1989, p.80) serviu para nomear estas cidades do país da Gramática, demonstrando a heterogeneidade da língua portuguesa falada no Brasil após anos de colonização.

Mais adiante havia duas cidades em ruínas, parecidas com cemitérios. Eram as cidades das línguas mortas: o latim e o grego, cujas palavras há muito deixaram de ser utilizadas pelos falantes. Deixaram de ser língua oficial para constituir nomes científicos e formar palavras de várias línguas, mas já com a estrutura modificada.

Ao adentrarem em Portugália, os viajantes percebem que os sons orais começam a juntar-se formando sílabas, as quais posteriormente mudam-se para os bairros das palavras.

O ponto de discussão nesta parte da história versa sobre a tonicidade silábica e a nomenclatura que as palavras recebem. Então, *Quindim* começa uma verdadeira crítica lingüística com a boneca de pano, como percebemos neste trecho:

“os senhores gramáticos são uns sujeitos amigos de *nomenclaturas rebarbativas*, dessas que deixam as crianças velhas antes do tempo. Por isso dividem as palavras em **Oxítonas, Paroxítonas e Proparoxítonas** [...]”

- Nossa Senhora! Que “luxo asiático”! – exclamou Emília. – Bastava dizer que o acento cai na última, na penúltima ou na antepenúltima. Dava na mesma e não enchia a cabeça da gente de tantos nomes feios [...]. (LOBATO, 2005. p. 11)

Dessa forma, Monteiro Lobato nos leva a perceber o quanto a gramática complica o uso da língua enfatizando termos e nomenclaturas que não fazem parte do ato de fala.

Trabalho semelhante realizou o mesmo autor no conto “O colocador de pronomes”, parte do livro *Negrinha*, cujo personagem, Aldrovando Cantagalo, passou a vida inteira valorizando as regras gramaticais, tentando impô-las como verdade absoluta às outras pessoas e, no fim, vê-se derrotado pela dinamicidade da língua falada, que não pode ser dominada por regras (LOBATO, 1959, p. 117-134).

Já no segundo capítulo, intitulado “Portugália”, Lobato nos leva a conhecer que as diferenças e discriminações sociais ocorrem também com as palavras. Assim como nas grandes cidades, em Portugália também existe o grande centro, onde moram as palavras mais importantes, e o subúrbio, no qual residem as palavras discriminadas pelas pessoas, principalmente pelos gramáticos.

O primeiro bairro visitado é o dos Arcaísmos, onde moram as palavras velhas que já não são mais utilizadas pelos falantes. Com isso, o autor faz-nos compreender que as palavras, assim como tudo o que tem vida, nascem, crescem e morrem. Daí vem o conceito de que a língua é viva, mutável, e que não pode ser tratada como forma estática, como bem defendeu Carlos Alberto Faraco.

Juntamente às palavras velhas moram as palavras novas, os Neologismos, que são consideradas defeito na cidade das palavras. Para

que possam habitar no grande centro, devem envelhecer e prestar bons serviços aos homens. Enquanto isso, são tratadas como vagabundas. Neste ponto, Lobato mostra a repulsa dos gramáticos conservadores em aceitar as mudanças da língua propostas pela fala, a qual evolui com o passar do tempo, enquanto que o registro gramatical fica preso ao passado.

Em relação ao conceito de certo e errado imposto pelos gramáticos, uma crítica relevante se encontra na obra *A língua de Eulália: novela sociolingüística*, de Marcos Bagno, na qual o autor afirma que

“Os conceitos de certo e de errado não são definidos de uma vez por todas, para todo o sempre. Como tudo na vida e no universo muda, a língua também muda junto com tudo o mais. É verdade que existe uma pressão muito grande dos defensores da norma padrão de fazer com que ela fique inalterada, compacta e sólida, mas isso é simplesmente impossível [...]” (BAGNO, 2001, p. 167)

A discriminação gramatical piora quando se chega ao bairro das Gírias, onde vivem palavras “criadas e empregadas por malandros ou gatunos, ou então por homens dum mesmo ofício” (LOBATO, 2005, p. 13). Estas palavras são atribuídas aos falantes marginalizados e, para o resto do povo, nada significam. Assim sendo, são proibidas de pôr os pés “lá em cima” – bairros importantes. Tais palavras são tão desprezadas que Pedrinho chega até a abotoar o paletó, pois “a gíria dos gatunos lhe metia medo” (LOBATO, 2005, p. 13).

A cidade de Portugália, nome este dado em referência a Portugal, cujo rigor formal e conservadorismo persistem até hoje, também mantém nos subúrbios os “imigrantes”, as palavras estrangeiras, no livro chamadas de “barbarismos”, mas que por nós hoje são conhecidas como estrangeirismos.

Como crítica ao conservadorismo português, Monteiro Lobato afirma na história que essas palavras são impedidas de entrar numa frase, a não ser que venham entre aspas ou grifadas; uma forma de

demonstrar a repugnância da língua portuguesa em aceitar que palavras estrangeiras se misturem às suas. Sabemos que a língua portuguesa falada no Brasil nada mais é que uma mistura de outras línguas.

Então, como a voz de Lobato ecoa nas histórias através da “Marquesa de Rabicó”, esta profere um discurso puramente linguístico em favor da miscigenação das línguas:

“- Acho odioso isso. Assim como num país entram livremente homens de todas as raças – italianos, franceses, ingleses, russos, polacos, assim também devia ser com as palavras. Eu, se fosse ditadora, abria as portas da nossa língua a todas as palavras que quisessem entrar – e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspás [...].”(LOBATO, 2005, p. 14)

Da mesma forma que Lobato, em *Preconceito* lingüístico: o que é, como se faz (2006) Marcos Bagno defende a tese de que os gramáticos puristas da língua portuguesa defendem seu uso aqui no Brasil como se ainda estivéssemos sob o domínio de Portugal, alegando que lá se fala o português corretamente. Bagno argumenta que, enquanto o Brasil sofreu influências de vários outros países, tanto na cultura quanto na língua, Portugal manteve-se conservadora. Daí a grande diferença entre as duas línguas, o que faz com que o autor afirme que

“O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é *diferente* do português falado em Portugal [...] do ponto de vista lingüístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática - isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os lingüistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo *português brasileiro*, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.” (BAGNO, 2006. p. 23-4) (grifos do autor)

No final do capítulo, apresenta-se a condição para que uma palavra estrangeira faça parte da nossa língua: o aportuguesamento. A

palavra abandona a grafia e pronúncia originais e deixa-se moldar, quadradamente, às formas portuguesas.

A escolha de palavras, independente de sua origem ou "idade", faz parte dos estudos da Estilística, assunto este tratado no livro *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*, de Nilce Sant'Anna Martins (1989), no qual a autora apresenta o grupo das palavras evocativas, como os estrangeirismos, arcaísmos, regionalismos, neologismos e gírias como modo de transmitir um significado e remeter-nos a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural devido à tonalidade emotiva provocada por essas palavras e às associações provocadas pela sua origem ou variedade lingüística a que pertencem (MARTINS, 1989, p.80).

No terceiro capítulo "Gente Importante e Gente Pobre" vemos que a cidade de Portugália é dividida em duas partes, separadas por um braço de mar. No bairro antigo só havia palavras portuguesas, as quais, com o tempo, foram atravessando o mar e se misturaram com as palavras indígenas locais, originando o bairro da "Brasilina".

Desse modo, percebe-se a evolução da língua dos colonizadores que, ao entrar em contato com as línguas indígenas e com as línguas dos imigrantes que para cá vieram, transformou-se numa língua diferente da falada em Portugal. Não se trata de um novo idioma, mas sim de uma evolução que só ocorreu na língua do Brasil.

Em seguida, os personagens passam pelo bairro dos substantivos e percebem a relação de hierarquia existente entre eles, como os nomes próprios e comuns, simples e compostos etc. As relações hierárquicas humanas servem para representar as relações desta classe gramatical tão importante.

Lobato, em todo o livro, continua fazendo suas críticas ao preconceito lingüístico existentes desde sua época e reforçando as atitudes pedantes daqueles que tratam a língua como se fosse uma forma imutável e sem vida. Bagno vai dizer que "uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, o mapa-múndi não é o

mundo... Também a gramática não é a língua” (2006, p. 9). O lingüista, durante seus estudos sobre o preconceito lingüístico, cita várias vezes a obra de Monteiro Lobato como referência à valorização da língua falada, que não pode ser vista somente do ponto de vista gramatical. A gramática é apenas o registro de regras que devem ser seguidas na escrita, pois a fala humana é indomável, livre, não pode andar acorrentada a regras que dificultam seu desenvolvimento.

A obra, apesar de apresentar regras que já caíram em desuso, recebeu uma adaptação pela Editora Globo, de modo a constituir um livro paradidático que auxilie os professores no modo como abordar os estudos gramaticais. O Editor da revista *Língua Portuguesa*, Luiz Costa Pereira Jr. Afirma que

“a força de *Emília no país da gramática*, portanto, não está tanto nos conteúdos gramaticais, que sempre se pode atualizar; mas no faz-de-conta, com que o autor elogiou a gramática ao pirlimpimpimente negá-la. Em suas fantasias mais peraltas, Monteiro Lobato torneou seu sítio das delícias de brincar, como alguém que, distraído, joga a fórmula fora e parte para a próxima aventura.” (PEREIRA Jr., 2008)

Lobato demonstrou com seu livro ser um homem acima de sua época. Sua biografia nos mostra um homem altamente culto, preocupado com questões sociais e principalmente com seu país. Ele não foi apenas o responsável pela introdução da literatura infanto-juvenil no Brasil. Acima de tudo, foi através dele que as reflexões acerca da sociedade brasileira da época surgiram em forma de protesto contra a alienação e estagnação do pensamento brasileiro.

Discutir sociolingüística na década de 30, quando esta ciência só passou a ser estudado na década de 70 não foi uma tarefa simples, para qualquer pessoa. Somente para Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 7 ed. rev. e ampl. com exercícios e um estudo sobre as escolas estruturalistas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolingüística. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 47 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. A percepção da mudança. In: **Lingüística histórica**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 9-25.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. O colocador de pronomes. In: **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A gramática de Emília**. Disponível em: <www.lobato.globo.com> . Acessado em 22/08/2008.